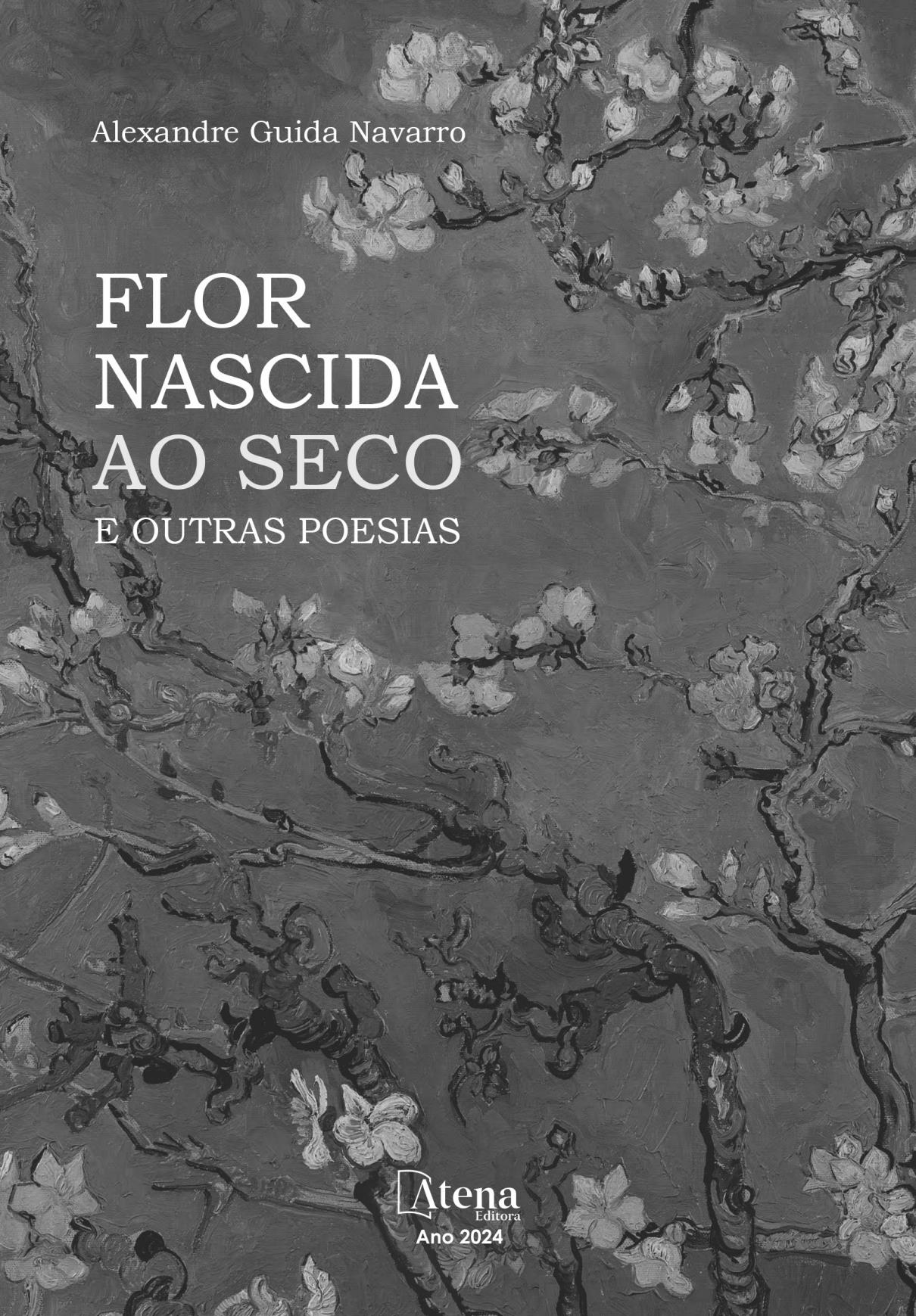


Alexandre Guida Navarro

# FLOR NASCIDA AO SECO

E OUTRAS POESIAS

 Atena  
Editora  
Ano 2024

The background of the book cover is a dark, textured painting of a blossoming tree branch, likely an almond tree, with many small, light-colored flowers and dark, winding branches.

Alexandre Guida Navarro

# FLOR NASCIDA AO SECO

E OUTRAS POESIAS

 Atena  
Editora  
Ano 2024

<b>Editora chefe</b>	Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora executiva</b>	Natalia Oliveira
<b>Assistente editorial</b>	Flávia Roberta Barão
<b>Bibliotecária</b>	Janaina Ramos
<b>Projeto gráfico</b>	
Camila Alves de Cremo	2024 by Atena Editora
Ellen Andressa Kubisty	Copyright © Atena Editora
Luiza Alves Batista	Copyright do texto © 2024 O autor
Nataly Evilin Gayde	Copyright da edição © 2024 Atena
Thamires Camili Gayde	Editora
<b>Imagens da capa</b>	Direitos para esta edição cedidos à
iStock	Atena Editora pelo autor.
<b>Edição de arte</b>	Open access publication by Atena
Luiza Alves Batista	Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

#### **Conselho Editorial**

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

**Flor nascida ao seco e outras poesias**

**Diagramação:** Ellen Andressa Kubisty  
**Correção:** Andria Norman  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** O autor  
**Autor:** Alexandre Guida Navarro

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
N322	Navarro, Alexandre Guida Flor nascida ao seco e outras poesias / Alexandre Guida Navarro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2309-6 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.096240104">https://doi.org/10.22533/at.ed.096240104</a>
	1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Navarro, Alexandre Guida. II. Título. CDD 869.91
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Flor Nascida ao Seco e Outras Poesias finda a trilogia da minha escrita poética.

Os poemas que aqui reúno foram escritos entre os 26 e 28 anos de idade, nas cidades de Campinas e São Paulo, entre minhas idas e vindas à capital paulista para estudar um Doutorado.

Os temas e teor dos textos continuam os mesmos dos livros anteriores: a busca constante de entender a razão da vida e as experiências que muitas vezes se transformaram e são marcadas pela dor e pela solidão. Aquele continua sendo um mundo sensível com o eu lírico aflorado.

Hoje eu me perguntaria: por que te permitiste sofrer tanto?

O abandono do curso em detrimento de uma aprovação de Doutorado no exterior, a efusão de realizar um grande sonho talvez verteram minha energia para outros fazeres, motivo pelo qual atribuo o fim abrupto da arte de produzir poesias.

Continuei escrevendo, mas muito esporadicamente.

Espero que gostem!

Campinas, 01 de janeiro de 2024.

Para o Céu  
Onde tudo começou

# SUMÁRIO

<b>PARTE I - MARTELO .....</b>	<b>1</b>
<b>LÁGRIMAS .....</b>	<b>2</b>
<b>GAIVOTA .....</b>	<b>3</b>
<b>FLAUTA .....</b>	<b>4</b>
<b>PLANTAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>GELO SECO .....</b>	<b>6</b>
<b>PERENE .....</b>	<b>7</b>
<b>ARARAS E GAFANHOTOS .....</b>	<b>8</b>
<b>ALGAS E CARAMUJOS .....</b>	<b>9</b>
<b>DA JANELA .....</b>	<b>10</b>
<b>O POETA .....</b>	<b>11</b>
<b>O TROVÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>SINO .....</b>	<b>13</b>
<b>BOM DIA CHUVA .....</b>	<b>14</b>
<b>O POETA TEM IRMÃ! .....</b>	<b>15</b>
<b>XIBALBÁ .....</b>	<b>16</b>
<b>ESCONDE-ESCONDE .....</b>	<b>17</b>
<b>PARTE II - BIGORNA .....</b>	<b>19</b>
<b>NEGROS OLHOS .....</b>	<b>20</b>
<b>TUMULTO .....</b>	<b>21</b>
<b>CANÇÃO DE NINAR .....</b>	<b>22</b>
<b>MARES E MARÉS .....</b>	<b>23</b>
<b>NOS TRILHOS .....</b>	<b>24</b>
<b>UMA CASINHA SOZINHA .....</b>	<b>25</b>
<b>RASTRO .....</b>	<b>26</b>
<b>INFINITO MUNDO .....</b>	<b>27</b>
<b>VOO .....</b>	<b>28</b>

# SUMÁRIO

<b>NINGUÉM EM CASA</b> .....	<b>29</b>
<b>LÁGRIMAS DE ACÁCIAS</b> .....	<b>30</b>
<b>NO CÁRCERE</b> .....	<b>31</b>
<b>SUOR</b> .....	<b>32</b>
<b>MEDO DA SAUDADE</b> .....	<b>33</b>
<b>PÔR DO SOL</b> .....	<b>34</b>
<b>SÃO FRANCISCO</b> .....	<b>35</b>
<b>PARTE III - ESTRIBO</b> .....	<b>37</b>
<b>CARNE PODRE</b> .....	<b>38</b>
<b>SANGRIA</b> .....	<b>39</b>
<b>ILHA</b> .....	<b>40</b>
<b>O ROSTO DA CANÇÃO</b> .....	<b>41</b>
<b>OÁSIS</b> .....	<b>42</b>
<b>APELO</b> .....	<b>43</b>
<b>A PERDA</b> .....	<b>44</b>
<b>DÚVIDA</b> .....	<b>45</b>
<b>ÚLTIMO ABRAÇO</b> .....	<b>46</b>
<b>EQUILÍBRIO</b> .....	<b>47</b>
<b>ABUTRES</b> .....	<b>48</b>
<b>O SOL E A LUA</b> .....	<b>49</b>
<b>ÓCIO</b> .....	<b>51</b>
<b>MISSING YOU</b> .....	<b>52</b>
<b>MORTE</b> .....	<b>53</b>
<b>FLOR NASCIDA AO SECO</b> .....	<b>54</b>

# **PARTE I**

## **MARTELO**

---

# LÁGRIMAS

Hoje as lágrimas não caíram  
Ontem não paravam de verter  
Marcas e sombras se diluíram  
Olvidando o meu querer

---

## GAIVOTA

Gaivota pede a volta  
Do filhote em desespero  
Veio a águia com discórdia  
Retirá-lo de seu leito

Gaivota perde a rota  
Ensandece nas entranhas  
Voa perto das encostas  
Ensurdece as montanhas

Gaivota segue a frota  
Nunca cessa sua andança  
Não aceita a derrota  
Quer de volta sua criança

Gaivota não tem volta  
A coragem não engana  
A lição que fica mostra  
Que a mãe o filho ama

---

## FLAUTA

Ouço ventos, mar de encosta  
Leves notas, acalento  
Um murmúrio aos pés da crosta  
Doce sopro de um instrumento

De que cuidas, pastor grego?  
O que colhes, povos Andes?  
És a busca do sossego  
És a trilha ofegante

Vens da Terra ó Pan do istmo  
Não és acre entranha basca  
Tens na pele sons de pícolo  
Tens nos lábios voz que alastra

Mas já vais ao cais da aurora?  
Quero mais da polpa alada  
Eras tu o vento, outrora?  
Venha a mim ó brisa flauta

# PLANTAÇÃO

---

Vastos mastros de pinceis  
Pinças castros sóis de faustos  
Vidros, vasos de cinzeis  
Fontes ares do alabastro

Plumas luas de feitiço  
Feito bairro ruas tantas  
Cantam magos nos solstícios  
Danças olhos de criança

Mares frases do oceano  
Orcas lares de corais  
Flores postas no altiplano  
Drapejando em vendavais

Risos trigos saem do campo  
Trilhas rimas solo ágil  
Folhas finas sois o manto  
Que protege o filho frágil

---

# GELO SECO

Não

se

perde

com

a

perda

Não

se

ganha

com

o

perder

Só

se

aprende

que

na

vida

Tudo

Pode

acontecer

---

## PERENE

Ofuscando a íris tenra  
Clareando o mar ressalva  
Tens na pele brisa amena  
Vens serena doce malva

Caminhando em prantos lábios  
Sufocando os céus percebe  
És encanto dos mais sábios  
Queres tudo que eu entregue

Murmurando sons de infância  
Navegando alado sente  
Voas nua falsa andança  
Soltas asas de sua mente

Restaurando novos rostos  
Amargando a fé que grita  
Surges calma voz de choro  
Anuncias a ferida

---

## ARARAS E GAFANHOTOS

Ando sôfrego na floresta  
Caminho lábaro em fíordes  
Minhas angústias já confessam  
Que um guerreiro nunca morre

Sigo as trilhas dos meus ninhos  
Enfeitiço o monte celta  
Dou à luz gigantes filhos  
Onde canto ilhado ao delta

Grito alto como araras  
E as ouço em pessoa  
Gafanhotos não são pragas  
Só porque digerem folhas

Vejo o sol que está nascendo  
Vejo a lua e sua noite  
É porque estou crescendo  
Lá no mar atrás dos montes

---

## ALGAS E CARAMUJOS

E por que o mar revolto  
Lança à areia os caramujos?  
Se as algas não ordenam  
Que eles deixem o seu mundo?

## DA JANELA

Lá do alto vejo montes  
Lírios, cravos e bromélias  
Já não bastam mais as cores  
De que vales tu, camélia?

Terra seca, terra magra  
Traz seus frutos quão amenos  
Fostes lajes sons de flauta  
Aspirando ao meu tormento

Sinto o toque em seus dedos  
O acalento doce abraço  
Semeando-me com beijos  
E regando-me com afagos

Era noite e eras luz  
Sou a voz daquele grito  
Dê-me a mão e me conduz  
De volta quero o meu sorriso

# O POETA

Singela a espera  
À Luz de vela  
Aos passos dela  
Um enaltecer

Em reluz, conduz  
Entre a espada e a cruz  
Seu olhar induz  
O sofrer do prazer

O espaço e escasso  
Do luar no compasso  
Promete ao acaso  
O mar resplandecer

As crianças e a dança  
A buscar na esperança  
Em sorriso alcança  
O sonhar de viver

No perfume, o betume  
Que o afago ciúme  
Aos prantos reúne  
O despejar do alvorecer  
E o canto, aos cantos  
Esconde em seus mantos  
O limiar de seus prantos  
Prestes a descer

E no fundo, o mundo  
De um poeta confuso  
Que caminha sem rumo  
No luar do entardecer

## O TROVÃO

Sai de baixo e vai ao alto  
Desce alvo sobre a Terra  
Segue bravo em intervalos  
Deixa todos em alerta

Por que vem sem ser chamado?  
Escurece o sol lá em cima  
Fecha o tempo em aziago  
Monumentos ilumina

Sabem quem chegou pirraça?  
Já lhes conto de antemão  
Entre estrondos na vidraça  
Chega ele, o trovão

---

SINO

Sou levado pelo destino

E não tenho coração

Me abalo mais que um sino

Em mim não há união

## BOM DIA CHUVA

O ponteiro marca as horas  
A chuva no celeiro  
O relógio nos acorda  
Guarda-chuva logo cedo

Ensopado e faminto  
Baila a água com o vento  
Pés pra fora logo sinto  
Ondas vindo em movimento

Lábil vejo-me em assento  
Como em um ninho a botar  
Frio é o banco do ensejo  
Quente é a raiva do ensopar

Mas no fim da caminhada  
Subo o ônibus devagar  
E a água nas escadas  
Sorrindo o meu tombar

Ah, chuvas do madrugar!

# O POETA TEM IRMÃ!

Um poeta sempre escreve  
Aos amigos e ao viver  
Mas às vezes ele esquece  
Da família sem querer

Um poeta nem sempre é triste  
Faz trovas e também piadas  
Vou falar de uma pessoa que existe  
Minha irmã querida e amada

Já estava esquecendo  
Que poeta também é falso  
Entre vírgulas verbos e acentos  
Mente como no verso ao alto

Minha irmã é alta e baixa  
Usa brinco de parafuso  
Não se esqueça ó leitora  
Que poeta é confuso!

Poeta é assim mesmo  
Enrola, enrola e nada fala  
A verdade seja dita  
Minha irmã é muito bala!

# XIBALBÁ

No rio Bec e em Chiapas  
As florestas em eflúvio  
As palavras que não calam  
Mas sussurram um murmúrio

Era Pakal em sua tumba  
Rei dos homens e jaguar  
Renegando a nós a culpa  
Em astronautas acreditar

A beldade das pirâmides  
O domínio do nagual  
Refletindo a luz da vida  
Na magia de Uxmal

E no fim dessa viagem  
O alento Kukulcán  
Em Tikal dava passagem  
A mais um dia, uma manhã

Que saudade desse sonho  
O despertar de um alvorecer  
Ficam os livros de consolo  
Na alcova do meu ser

## ESCONDE-ESCONDE

Saltitando rolavas

Pedras vinham em açoite

Avezinhas se engajavam

Ao brincar de esconde-esconde



"O Amor", pintura em guache de Maria Júlia Navarro Tromboni

## **PARTE II**

## **BIGORNA**

# NEGROS OLHOS

Queria os olhos negros

Da íris branda reluzindo o arco

Torneantes gestos tenros

Olhos negros

Olhos fartos

---

## TUMULTO

Deite e enterre suas palavras

Seja sábio e não maldito

Não gangrene sua bocarra

Saiba às vezes ser conciso

## CANÇÃO DE NINAR

Com um sorriso, a injúria ao lado  
Aduziu a semente do cansaço  
Suave o acerto  
Veloz o sofrimento  
Que balbucia o rancor

Era véspera que partia  
Astênica atonia  
Nostálgica  
Acalento a ouvir

Os murmúrios abafados  
Que denunciam o aziago  
Caladas  
As andanças do sofrer

Vistas logo sem alarde  
Sua nua de manhã  
Fostes lírios, risos mares  
No caçar do acauã

---

## MARES E MARÉS

Lembro a lua  
A madrugada  
A voz que sua  
A dor que exala  
A solidão  
Sua voz que afaga  
E que agora amarga  
A mesma sensação

---

## NOS TRILHOS

Meigos olhos mar adentro

Acalento sofregar

Risos tenros céus e ventos

Conduzindo o seu tocar

la triste noite afora

Lamentando a madrugada

Ímpios ares sois agora

O carinho qu'eu esperava

---

## UMA CASINHA SOZINHA

As ruas cruas  
Suas calçadas nuas  
Refletindo luas  
Ao anoitecer

Os pastos gastos  
Sob os pés descalços  
Conduzindo os passos  
Ao alvorecer

## RASTRO

---

Passa um rastro  
De raso e castro  
Com fino lastro  
De um qualquer

Cinge e tinge  
O fel do arraso  
Em meio a abraços  
De outros quaisquer

---

## INFINITO MUNDO

Estas terras dão seus frutos  
Vidas brotam de seus pés  
Lembra do finito mundo?  
Agora sei que infinito é

---

## VOO

Não se escondam

Não se entreguem

Voem alto!

Sejam breves

Não descansem

Em descanso

Voem alto!

Que'u os alcanço

---

# NINGUÉM EM CASA

Já não aguento  
A espera  
Que lateja  
E faz sofrer

Já não durmo  
Nem descanso  
Sonho tanto  
Com o prazer

Já não ando  
Pela estrada  
Há muralhas  
Pra descer

Já não sinto  
Meu espírito  
Que em conflito  
Já não crê

# LÁGRIMAS DE ACÁCIAS

Vejo acácas na vereda  
De sedas  
Naturais  
De rendas  
De vida

Cheiro o aroma que exala  
Ardil  
Sensata  
Febril  
Amargo

Sinto leve pele folha  
Serena  
Molhada  
Amena  
Pessoa

Ouço o vento de verão  
Alísio  
No chão  
Abrindo  
O botão  
Na alcova do destino  
As acácas  
Sorrindo  
E minhas lágrimas  
Caindo

## NO CÁRCERE

E quando alguém sussurrava

Conspurcava em seu medo

A angústia consumada

Provocada pelos dedos

Nas conversas uma fuga

Algo falso tão normal

Não passando de desculpa

Corrompendo o casual

Que vontade da coragem

Cara limpa com fervor

Já não quero estar à margem

Do que só provoca a dor

# SUOR

---

Suo nu à noite

Afoito

Sem caminho

Consolo

Desgosto

Sozinho

E o dia amanhece

Acerbo

E eu

Com medo

Do destino

De viver

Na janela

O alvor da cortina

Me espia

Retribuo

Sorria

Alenta meu sofrer

Levanto sufocado

Aparente

Aluado

Distância reluzente

Do calor

Acordado

Suo cedo ardo

Carente

Calado

Da espera ardente

Do desejo

Alado

## MEDO DA SAUDADE

Ouço passos na calada  
De uma noite a temer  
Calo os rastros da alçada  
Chove no entardecer

Vejo asas sóis de anjos  
Em degraus chamas lendas  
Lua e luzes sons e cantos  
Prados campos das fazendas

Falo preces prezo ritos  
Rezo ardente sem cessar  
Ensandeço o infinito  
Rogo cego ao professor

Sinto pele pela veia  
Murmúrios de Salamanca  
Teço sombras rés de teias  
Em primícias de crianças

Nada entendes de que escrevo?  
As palavras são aladas?  
Sinta os versos e enredos  
E chegue à alma sufocada

# PÔR DO SOL

Hoje fartas estrelas brilham  
Quão opaca deve ser a morte  
A destreza que se esvai de brios  
A prisão eterna do caixote

De que vale a cor das flores  
O cheiro a vida de belezas  
Arrancadas de seus montes  
Enfeitadas na frieza

Pra que tanto sentimento  
Choros secos vozes ralas  
As lembranças são o acerto  
De uma vida que se cala

Se és tímido e sensível  
És o centro das atenções  
O adeus cruel amigo  
Fria é brisa dos caixões

Por que a gente assim acaba?  
Todo mundo e eu também?  
Posso até sorrir pra chaga  
Só não só, mas com alguém

## SÃO FRANCISCO

Escaldante estavas  
À luz dos montes  
Sorrias e drapejavas  
Cintilavas no horizonte



"Lar", pintura em guache de João Vitor Navarro Tromboni

## **PARTE III**

## **ESTRIBO**

---

## CARNE PODRE

Onde carnes apodrecem e somem

Quão olhares são tão certos?

As canções são só finitas

De quais cumes somos netos?

# SANGRIA

---

Toco as flores de tecido

Poço, ares de garrido

Suo lúgubre afrito

Nado redes ao tremer

Teço toques tão floridos

Gostos, mares destemidos

Voo lôbrego conflito

Mago lentes desprazer

Veios d'água no arenito

Pego rosto corroído

Pusilânime castigo

Claros frutos do saber

Folhas verdes versos pampas

Tantas lanças corromper

Brancas luzes vestes santas

Sois navalhas em meu ser

E no fim de tarde o alarde  
Do sorriso do vento que passou  
Seus filhos crianças e moinhos  
Recebendo a mensagem que deixou

Desespero triste sonho de arrebento  
O sofrimento de uma triste andarilha  
A saudade que desperta o sentimento  
Da ida de uma mãe sem sua filha

Caminhadas de longa estrada  
Uma filha obediente  
De sorrisos às desgraças  
Algoz sorri com sua mãe ausente

Lindo fim de uma jornada  
Sábia Amália fé de um destino  
Do outro lado da estrada  
Perde a filha em seu caminho

# O ROSTO DA CANÇÃO

As palavras me faltavam  
Evertiam em solidão  
Via pássaros que cantavam  
Valseando pelo chão

Da janela a luz ardente  
Refletiam sons de ar  
Um dos rostos entrementes  
D'outro um gesto de ninar

E brincavam enlevados  
Com poeira a levantar  
Ente lírios, ninfa e cravos  
Drapejavam ao voar

Voaram alto  
Ao empíreo panteão  
Eu ainda na janela  
Recordava a canção

# OÁSIS

Vida  
Mais vida  
Vida menos  
Vida mais  
Caí mais uma vez na armadilha do destino  
Como pude?  
Será que foi meu jeito sensível?  
Oi fui pego por um monstro horrível?

---

## APELO

Condolênci a mim  
Pelo cárcere da alma  
Que suplica  
Aflita  
A vontade do prazer

Compunção a mim  
Pelo ébrio do espírito  
Que longínquo  
E conflito  
Pede à carne pra viver

Condescendênci a mim  
Pelo estado insciente  
Que em endecha  
Iminente  
Provoca o sofrer

Convalescênci a mim  
À minh'alma  
Que deblatera  
Austera  
O despojo a perder  
Compaixão a mim  
Ao delíquio do corpo  
Que acompanha  
O esvair das montanhas  
Que está por morrer

## A PERDA

Pés descalços grãos de areia  
Vozes soltas trilhas mar  
Dei-lhe a vida de minhas veias  
Deu-me asas pra voar

Timbre tempo sóis e avencas  
Mastros toldos secos lenços  
Dei-lhe a alma que se assenta  
Deu-me a dor que não tem preço

Verdes malhas carreteis  
Girassóis girando flores  
Dei-lhe tela e pinceis  
Deu-me quadros sem as cores

Campos matas chuva alheia  
Fogo apaga dores tantas  
Dei-lhe o beijo que permeia  
Deu-me toques de criança

Vênus deusa dai semente  
Águas claras livres soltas  
Dei-lhe o corpo todo ardente  
Deu-me o gelo de sua boca

Choros sôfregos mel que adia  
Traços toques versos vãos  
Dei-lhe tudo que podia  
Deu-me nada de suas mãos

---

## DÚVIDA

Tu não sentes que às vezes  
Tudo é muito esquisito  
Sem saber de onde vens  
Sem tocar o infinito?

## ÚLTIMO ABRAÇO

Na cadeira estava  
Sua blusa amarrotada  
Em minhas mãos ficavam  
As suas entrelaçadas

Na parede o quadro  
O desenho do seu rosto  
Em meus pés os mastros  
Do velório de seu corpo

Nas escadas as trilhas  
Os caminhos peregrinos  
Em meus olhos suas filhas  
Já cansados do destino

E na porta a barreira  
Da saudade que não volta  
Em seus lábios a certeza  
Do meu choro sem demora

E que não mais quer ir embora

# EQUILÍBRIO

E das asas do destino  
Veio um sábio explicar  
E estava em seu caminho  
Uma pessoa a indagar

Triste sonho vida e mágoa  
Quem sou eu em meu vazio?  
Sinto nada e morro n'água  
Sem estrada em meu caminho

Torres altas breves faustos  
Vejo o Tejo em tormento  
Secos mares de seus mastros  
Já não há conhecimento

E o sábio de seus lábios  
Desce ao homem em sustento  
Não te aflijas lírios raios  
Não carregues sofrimento!

## ABUTRES

Neves dentes vão surgindo  
Solo fétido dos trópicos  
Sóis estão me exaurindo  
Luas dançam em ares sórdidos

Mares densos Marianas  
Fossas gélidos sufocos  
Sombras vêm das caravanas  
Aves de penachos soltos

Verdes chamas logo chamam  
Troncos caules e martins  
São colírios que enganam  
As portelas dos jardins

Tenros morros sois bravios  
Dormem manso com descaso  
Sois invejas sois vazios  
Estão perdidos ao acaso

Leito corre a madrugada  
Lua cheia de trapaças  
Perde o dia na alvorada  
E a noite em suas farsas

# O SOL E A LUA

O sol e a lua puseram-se a brigar  
Um queria luz todo o dia  
A outra, noites sem cessar

O sol dizia que na escuridão  
Não se pode conduzir  
A lua retrucava de antemão  
Que no escuro não se pode dormir

Vermelho de raiva  
O sol terminava sua jornada  
A lua apagava seu fogo  
Em meio a muitas gargalhadas

Mas a lua já estava cheia  
Não aguentava mais a situação  
Começou a bolar um plano  
Para acabar com a situação

O amanhecer chegou de repente  
No nascente a luz começou a radiar  
A lua se mandou rapidamente  
Sabia que o clima ia esquentar

O sol também já estava quente  
Queria acabar com o conflito  
Foi quando olhou para a Estrela Dalva  
E viu o bilhete do inimigo

Sei que você é o pai da constelação  
Por isso te devo meu respeito  
Mas você não pode acabar com a imensidão  
Da noite que é meu reino

Como as pessoas vão descansar  
E repor suas energias?  
Sem a ajuda do luar  
Sucumbindo à luz do dia?

O sol emocionado  
Começou a lamentar  
Logo se sentiu culpado  
E aos prantos pôs-se a chorar

Suas lágrimas evaporaram  
E nuvens formaram no céu  
Logo chuvas despencaram  
Inundando tudo ao leu

E o dia virou noite  
Veio algo acontecer  
Era a lua que chegava  
Vindo ao sol agradecer

E o sol se desculpou  
Pelo sentimento de egoísmo  
A lua o cumprimentou  
E seguiu o seu caminho

Logo a chuva foi embora  
O sol foi pra atrás dos montes  
Saía a lua de cara nova  
Escondida no horizonte

Os dois se tornaram amigos

Começaram a se respeitar  
E entre equinócios e solstícios  
Começaram a namorar

# ÓCIO

Desci  
Ao chão  
Subi  
Em vão  
Chorei  
Calado  
Gritei  
Safado!  
Pulei  
A corda  
Caí  
De costas  
Dancei  
A valsa  
Rasguei  
A calça  
Gritou  
A vizinha  
Cadê  
Minha calcinha?  
Que momento  
Tão sem graça  
É o tempo  
Que não passa...

# MISSING YOU

---

Are the giants in the fields?

Is there field in each giant?

Hate must be healed

Man have cold hearted

Where are the eagles from the mountains?

Why did the mountains hide the eagles?

Friars are praying in highlands

Listening songs and waiting singles

Could be the souls a rush hurricane?

Hurricanes can't dig the souls

Bone and blood are the same

Earth and sea from the world

Do the words know the poets?

Knowledge never disappears

The words sometimes are secrets

It's been lonely without you here

---

# MORTE

E a alma reclama  
O preconceito proclama  
A sociedade que em chamas  
Destrói o embelecer

## FLOR NASCIDA AO SECO

Quer o broto que eu lhe regue?  
Mas a vida o que era?  
Não há gritos numa fenda  
Tu persistes, me encoleiras

Sou a trilha de tua lenda  
Vá embora cego errante!  
Cai a noite nestas serras  
Onde a vida segue adiante

Dos meus entes que se afastam  
No meu sonho logo vi  
Que das dores, minhas lascas  
Cortes versos de meus rins

Purificam minhas mágoas  
Foi então que percebi  
As blandícias de um astro  
Rego o broto, vejo enfim

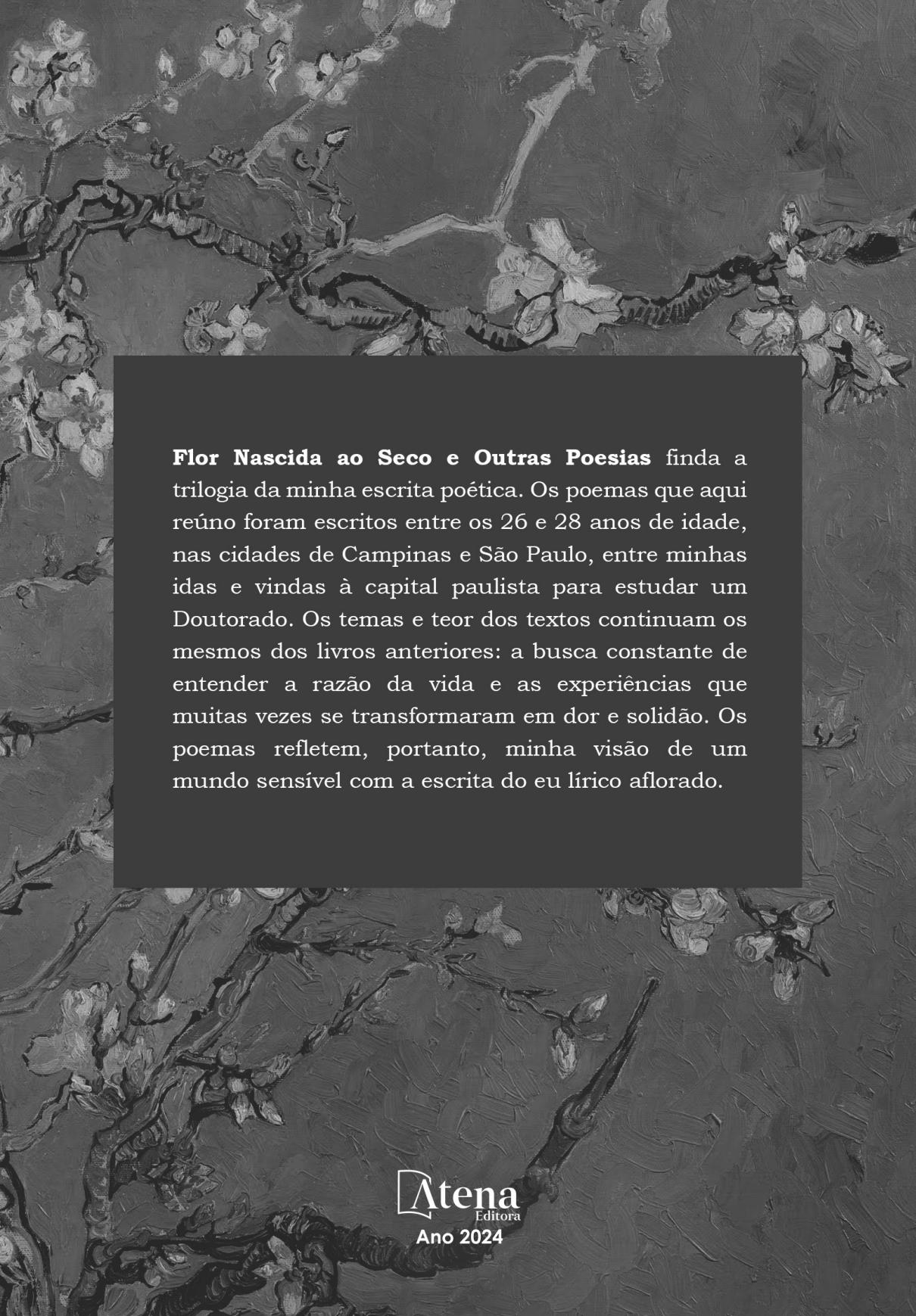
Suas prosas, seus retratos  
Grandes olhos eu abri  
Onde só pensei que estava  
Vi na flor um colibri

Em meus olhos, duas lágrimas  
E à beira rocha quis  
Caminhar a sós com o vento  
E em suas asas concluí

Que sou a flor nascida ao seco



“A vida da flor”, pintura em guache de Maria Júlia Navarro Tromboni



**Flor Nascida ao Seco e Outras Poesias** finda a trilogia da minha escrita poética. Os poemas que aqui reúno foram escritos entre os 26 e 28 anos de idade, nas cidades de Campinas e São Paulo, entre minhas idas e vindas à capital paulista para estudar um Doutorado. Os temas e teor dos textos continuam os mesmos dos livros anteriores: a busca constante de entender a razão da vida e as experiências que muitas vezes se transformaram em dor e solidão. Os poemas refletem, portanto, minha visão de um mundo sensível com a escrita do eu lírico aflorado.



**Flor Nascida ao Seco e Outras Poesias** finda a trilogia da minha escrita poética. Os poemas que aqui reúno foram escritos entre os 26 e 28 anos de idade, nas cidades de Campinas e São Paulo, entre minhas idas e vindas à capital paulista para estudar um Doutorado. Os temas e teor dos textos continuam os mesmos dos livros anteriores: a busca constante de entender a razão da vida e as experiências que muitas vezes se transformaram em dor e solidão. Os poemas refletem, portanto, minha visão de um mundo sensível com a escrita do eu lírico aflorado.